

## A Problemática Metafísico-Religiosa na Poesia de Jorge de Sena

*Nikica Talan*

*Faculdade de Letras, Zagreb*

No texto que se segue analisa-se o chamado ciclo metafísico-religioso das primeiras quatro colectâneas do poeta português contemporâneo Jorge de Sena (1919-1978). Trata-se das colectâneas *Perseguição*, *Coroa da Terra*, *Pedra Filosofal* e *As Evidências*. A análise mostra que a Transcendência é um dos temas-guias da obra poética seniana e que ela nunca se identifica com Deus. Para o poeta, a existência de Deus é muito questionável, sujeita ao cepticismo e ao agnosticismo, o mesmo não se podendo dizer da vida após a morte. A tentativa de adquirir a Transcendência pela negação dos seus atributos transcendentais está presente em todas as colectâneas do poeta - da *Perseguição* até às *Metamorfoses*.

"A presença da Morte domina, com efeito, a maioria dos poemas; e não será seguro dizer que a morte não está implícita neles todos."<sup>1</sup>

"A diferença está que religião para mim, embora compreenda e saiba muito bem o valor simbólico das cerimónias não é esta nem aquela: quanto a catolicismo, não estou nem lá nem cá, porque o mundo é mais vasto e mais rico do que essa querela ridícula do espiritualismo e do materialismo (para filosofantes), ou do ir à missa ou ficar à porta (para ignoros). Creio firmemente, cientificamente mesmo, em que a religião... encerra toda uma experiência milenária da humanidade. Não pode pôr-se nem tem qualquer interesse o problema da existência ou inexistência de Deus; porque é que ninguém faz o mesmo finca-pé com a liberdade ou justiça, tão arbitrarias, existentes ou inexistentes como Ele? É possível que Deus esteja no fim, seja a criação permanente, e que o mundo e a humanidade tenham surgido por acaso; é possível que esse fim nunca chegue, seja

---

<sup>1</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-II*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 154.

como o limite das séries matemáticas, como o ponto de infinito das rectas; é possível que não tenha havido princípio, visto que o tempo é apenas uma dimensão espacial do universo. Tudo é possível, a ciência não responde a isto, e a religião erra porque se preocupa mediocrementemente com responder - 'mortais ou imortais todos mentiram' -e, portanto, não há mais que confiar irresistivelmente na própria dúvida, e abranger todas as possibilidades, todas as hipóteses, tudo, não numa síntese, que seria falsa, mas num todo, que corresponderá a quanto, de milénios em milénios, a vida tem prodigiosamente sido."<sup>2</sup>

A confissão de fé acima citada, retirada de uma carta de Jorge de Sena,<sup>3</sup> contém alguns elementos muito importantes para a interpretação metafísico-religiosa deste poeta. O sintagma "agnóstico religioso", aplicado a Jorge de Sena, não é aqui uma *contradictio in adiecto*, o que, de resto, tentaremos demonstrar, analisando a fundo o desenvolvimento poético ao longo da sua obra. É um facto que J. de Sena não quer reduzir a sua vida e obra a uma religião particular,<sup>4</sup> nem à religião em geral. Poder-se-ia dizer que, para ele, as polémicas seculares entre o idealismo e o materialismo, isto é, entre o teísmo e ateísmo, são ridículas por excelência, já que o problema da existência ou inexistência de Deus, segundo a opinião de J. de Sena, é historicamente excedido.<sup>5</sup> Porém, isso não quer dizer que o problemática do próprio Deus seja também excedida, visto que, segundo de J. de Sena, a (in)existência de Deus em nada diminui a importância desse Ser no domínio da poesia e da ética. A impossibilidade da prova da (in)existência de Deus oferece uma nova dimensão filosófico-teológica a essa importância. A posição "empatada" de J. de Sena não é acompanhada por uma aposta (como em B. de Pascal) com um resultado previamente conhecido - crença em Deus, mas sim por uma dúvida radical, mais exactamente, uma crença radical na dúvida ou um agnosticismo religioso em que todas as opções serão igualmente questionáveis, representando, por isso mesmo, uma permanente inspiração poética. Ou, como o diria José-Augusto França: "O drama religioso de Jorge de Sena, bem passado acima do espírito atento onde o combatesse trava, não se resolve em bem nem em mal."<sup>6</sup> Contrariamente às expectativas dos psicanalistas e sociólogos da religião, é evidente que o "drama religioso" de J. De Sena não foi condicionado por "predisposições genéticas" nem pela educação familiar, como é o caso de alguns outros poetas portugueses de orientação metafísico-religiosa (Antero de Quental, Afílio Manuel de Guerra Junqueiro, António Duarte de Gomes Leal, Teixeira de Pascoais, Fernando Pessoa ou José Régio, por

<sup>2</sup> Sena, Mécia e Jorge de: *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de amor)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982, págs.139-140.

<sup>3</sup> Enviada à sua esposa Mécia, a 15 de Dezembro de 1947.

<sup>4</sup> Catolicismo, por exemplo, ao qual o poeta pertencia formalmente.

<sup>5</sup> Cf. a carta dirigida à sua esposa Mécia e publicada em: Sena, Mécia e Jorge de: *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de amor)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982, p. 140.

<sup>6</sup> França, José Augusto: "Jorge de Sena, poeta temporal", in: *Quaderni portoghesi*, Giardini editori e stampatori, Pisa, 1983, p. 39.

exemplo). Ainda que educado numa atmosfera cristã, J. de Sena nunca praticou o seu cristianismo. A sua fé reduzia-se principalmente a ritos folclóricos. Diferentemente de alguns dos poetas metafísico-religiosos acima mencionados, na genealogia da família de J. de Sena não aparece nenhum fanático religioso. A avó materna do poeta (fortemente inclinada para o positivismo e o agnosticismo), assim como o seu pai (completamente indiferente ao fenómeno religioso), não lhe puderam servir de exemplo da vida cristã. Quanto à sua escrupulosa mãe, ela fez (principalmente dada a auto-humilhação mortificante) com que, pelo contrário, o seu filho se afastasse da fé. Mas, apesar da fraca educação religiosa (no sentido de uma instrução sistemática do catecismo), Jorge de Sena interessou-se<sup>7</sup> pela religião ao longo de toda a sua vida. A razão principal desse interesse consistia no carácter ritual e oculto da religião, assim como no "paganismo" por ela absorvido através dos séculos. Por este motivo, J. de Sena apreciava igualmente o catolicismo como "a religião mais pagã": "...como poeta, não posso deixar de ser sensível ao paganismo que a Igreja Católica não sonha - ou sonha até - a que ponto herdou."<sup>8</sup> Mencione-se que, por outro lado, os ritos religiosos entusiasmavam J. de Sena pelo seu carácter sincrético, carácter esse que também se pode discernir na unidade de diversas artes - nomeadamente e em maior medida, precisamente no próprio acto poético. Por isso, o poeta, como *poeta*, não pode manter-se insensível relativamente à religião. Ele deve "reagir" a ela de um modo poético; quer a título de apologista (como no caso da experimentação com o ritualismo), quer a título de panfletista (no caso dos valores da religião se comprometerem com a profanação): "Quando a religião pretende fixar-se, lutar ligada a interesses materiais que geraram muitas das formas que ela tomou, evidentemente que sou contrário a ela, a *aquela*, porque sei que não há eternidade das formas e das convenções, mas sim da orgânica simbólica que assume uma ou outra forma, segundo o estado social em que se desenvolve."<sup>9</sup>

No que diz respeito à atitude pessoal de J. de Sena para com a religião, deve-se reconhecer que, apesar da educação positivista a que foi exposto durante a infância, o poeta levou uma vida moralmente exemplar. Respeitou as normas éticas católicas, crendo sinceramente ser já neste mundo o lugar onde expiamos os nossos pecados. É curioso que, apesar do seu estudo comparativo e racionalista das religiões mais diversas, J. de Sena nunca perdeu a sua crença infantil na influência dos defuntos sobre os acontecimentos terrestres. Do mesmo modo, acreditava firmemente em várias superstições (no gato que atravessa a rua anunciando uma desgraça, no número "treze" que pode ser fatal, etc). Conquanto se interessasse pela problemática da (in)existência de Deus,<sup>10</sup> J. de Sena, durante toda a sua existência, confessou a fé na imortalidade,

<sup>7</sup> Provavelmente sob a influência de Fernando Pessoa.

<sup>8</sup> Sena, Mécie e Jorge de: *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de amor)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982, p. 141.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>10</sup> Para J. de Sena (como já foi dito), a existência de Deus é apenas um atributo secundário pertencente a este Ser.

procurando viver como se Deus realmente existisse, mesmo se isso não fosse verdade. Esse comportamento do poeta não foi motivado por medo da condenação eterna, mas antes por uma crença profunda em que o mundo é dominado por um poder demoníaco, independente de Deus.<sup>11</sup> É preciso lutar contra esse poder vivendo a vida "melhor do que ela pode ser vivida", respeitando os princípios da justiça e da verdade. O poeta exprime a sua crença inabalável na imortalidade através de muitos poemas. Citaremos apenas um deles - o poema "Madrugada":

Há que deixar no mundo as ervas e a tristeza  
e ao lume de águas o rancor da vida.  
Levar connosco mortos o desejo  
e o senso de existir que penetrando  
além dos lodos sob as águas fundas  
hão-de ser verdes como a velha esperança  
nos prados de amargura já floridos.

Deixar no mundo as árvores erguidas,  
e da tremente carne as vãs cavernas  
aos outros destinadas e às montanhas  
que a neve cobrirá de algida ausência.  
Levar connosco em ossos que resistam  
não sabemos o quê de paz tranquila.

E ao lume de águas o rancor da vida.<sup>12</sup>

A crença na imortalidade foi uma inspiração permanente na poesia de J. de Sena, enquanto tudo o que contrariasse essa crença se tornava assunto da sátira para o poeta. Nem a morte, a religião ou o próprio Deus ficaram isentos. Neste domínio, J. de Sena não conheceu qualquer evolução. A tentativa de adquirir a Transcendência pela negação dos seus atributos transcendentais está presente em todas as colectâneas do poeta - da primeira até à última. Por isso, antes de passarmos à análise final da mencionada tentativa (a qual, de resto, não é única na poesia portuguesa!),<sup>13</sup> analisaremos cronologicamente a criação poética de J. de Sena para, desse modo, destacarmos as constantes mais relevantes para a nossa investigação. Apresentando cada uma das colectâneas senianas, referir-nos-emos primeiramente às respectivas características, para depois passarmos a uma interpretação crítica dos versos ligados ao tema em estudo.

---

<sup>11</sup> Se existir o poder demoníaco, então deve existir também o poder divino, conclui J. de Sena.

<sup>12</sup> Cf. *Estudos sobre Jorge de Sena (compilação, organização e introdução de Eugénio Lisboa)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1984, p. 206.

<sup>13</sup> Uma tendência análoga está igualmente presente na obra de outros poetas portugueses com forte orientação metafísico-religiosa, aos quais nos referiremos depois da apresentação da obra poética de J. de Sena.

### PERSEGUIÇÃO (1938-1942)

"Quanto à 'Perseguição', os poemas pequenos sofrem, digamos, de um certo hermetismo, ou melhor, concentração verso a verso; os grandes, pelo contrário, mesmo quando se espriam em associativas imagens, são harmónicos, e a arquitectura, bem patente, dá-lhes firmeza, ainda que essa firmeza diga apenas respeito ao visível. Mas a verdade é que, se, por um lado, atribuo à construção (o que não significa que eu construa) uma especial importância, por outro lado, considero mais importante o possível contraponto (musical) de imagens e de ideias, e não de temas, que não tem, esse, qualquer profundo significado. Por isso, com algumas excepções a favor dos mais pequenos, os mais compridos são sonoros, e permitem (mais exactamente) a ressonância alheia."<sup>14</sup>

O comentário, da autoria de J. de Sena, relativo à sua primeira colectânea - *Perseguição* - poder-se-ia aplicar também a todas as suas colectâneas posteriores. Um certo hermetismo, presente nalgumas composições poéticas mais curtas, desaparece nos poemas mais longos, onde as imagens poéticas (não condicionadas pela brevidade do poema) se desenvolvem gradualmente, contribuindo, assim, para a espontaneidade da "arquitectura" versífica. Realiza-se, assim, um contraponto entre as referidas imagens - para o qual contribui, em maior medida, a própria técnica surrealista que ocupa um lugar especial nesta colectânea. Simultaneamente (como o nota Adolfo Casais Monteiro<sup>15</sup>), a linguagem surrealista entrelaça-se com a linguagem neo-realista, criando um novo contraponto linguístico,<sup>16</sup> que não existe apenas a nível temático, visto que toda a poesia de J. de Sena "será o campo fechado de um combate pela redefinição de uma condição humana originariamente divina, humilhada pela injustiça e uma crueldade que são menos as da violência nua que as da nossa própria demissão diante deles."<sup>17</sup> Assim, a classificação temática da poesia de J. de Sena torna-se totalmente desnecessária, uma vez que cada verso deste poeta está ao serviço da recuperação da dignidade humana. Todavia, estando esta dignidade provavelmente perdida para sempre (e o próprio poeta, ao que parece, crê nisso!), a lírica seniana é caracterizada por um pessimismo total, evidente logo na primeira colectânea. Nenhum leitor da lírica de J. de Sena pode evitar essa atmosfera pessimista. O poeta como que nos "prescreve" a reacção "obrigatória" à leitura dos seus versos. Todos devem aceitar da mesma maneira

<sup>14</sup> Sena, Mécie e Jorge de: *Isto tudo que nos rodeia (Cartas de amor)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982, p. 22.

<sup>15</sup> Cf. o estudo de José Augusto Seabra: "Jorge de Sena ou a liberdade da escrita", in: *Estudos sobre Jorge de Sena (compilação, organização e introdução de Eugénio Lisboa)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1984, págs. 79-45.

<sup>16</sup> Este facto também é posto em relevo pelo próprio J. de Sena, no prefácio da sua colectânea *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 27.

<sup>17</sup> Lourenço, Eduardo: "Poesia e poética de Jorge de Sena", in: *Quaderni portoghesi*, Giardini editori e stampatori, Pisa, 1983, p. 27.

a sua "mensagem poética". O leitor sente-o instintivamente. Por isso, a poesia de J. de Sena "ganha uma presença ameaçadora e acusatória" (J. A. França), como, por exemplo, no poema "Advertência":

Ah meu Deus! Se toda esta tristeza,  
se toda esta consciência amarga do desprezo alheio,  
se toda esta raiva contra mim,  
se toda a melancolia que essa raiva me deixa,  
são unicamente para que saia um poema...

Podes ter a certeza que o esmago.<sup>18</sup>

Este poema pertence ao terceiro ciclo temático da colectânea - ciclo esse composto por catorze poemas de inspiração metafísico-religiosa. O mote do referido ciclo consiste em três versos de A. Machado: "No es el yo fundamental / esso que busca el poeta, / sino el tú essencial."<sup>19</sup> Neste poema, o *tu* essencial buscado pelo poeta é Deus, isto é, a Transcendência. Por outro lado, o poeta é considerado como sendo concorrente do Deus-Criador - concorrente que cria a poesia e não o mundo, mas cujo acto demiúrgico é igual ao do próprio Deus. A relação entre dois concorrentes subentende a inimizade mutual, a inveja e o desejo de menosprezar o inimigo. O artista fá-lo por meio de um acto de imitação. O que *tu* podes fazer, *eu* também posso! A criatura feita pelo poeta não é digna do esforço demiúrgico do seu criador e por isso ele nutre o desejo de a destruir. Tendo-o feito, o poeta escarneceria dignamente do Deus-concorrente, menosprezando, por meio da destruição, a sua força criadora. Porém, a ameaça do poeta concretiza-se apenas "a nível do condicional", já que no poema seguinte ele lamenta a sua atitude arrogante em relação a Deus. Trata-se de um poema de grande importância para a problemática metafísico-religiosa na poesia de J. de Sena. É por isso que o citaremos na totalidade, apesar de ser bastante longo.

### DECLARAÇÃO

Sinto que vou voltar-me para Ti,  
para Ti - como te descrevem e não há que fugir,  
não como te penso.  
Mesmo o que eu sinto  
é que, mais tarde ou mais cedo, cairei rendido.  
Contudo sei que vou acreditar  
e esquecer o resto porque é lógico, tão lógico!,  
tão claro que enraivece e cansa e desconsola...

<sup>18</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 27.

<sup>19</sup> *Ibid*, p. 67.

Ah eu bem conheço que não somos racionais,  
mas sempre somos nós e sermo-nos  
é o haver mistérios na alma e no mundo  
e o haver necessidade de mistérios em Ti.  
Contudo sei que um dia cairei rendido  
e hei-de acreditar nos dogmas  
e nessa crença encontrarei a alegria  
de quem contempla paredes verdadeiras  
só do seu lado,  
encontrarei uma alegria de sedução poética...  
Sei também que hei-de acabar por ter  
piedade dos que não acreditarem  
e que hei-de deixar de compreender o mundo  
uma maneira de sentir de cada um,  
para primeiro sinceramente o considerar maneira vaga de Tu seres  
de Tu te revelares  
e depois me esquecer de tudo  
e ir joelhar diante dos teus altares  
com crepitações mansas na minha felicidade  
e achando poucas todas as velas e flores  
para o trono em que estarás por dentro dos meus olhos.  
Sei que hei-de repetir inefavelmente as orações  
e todos esses requerimentos divinos em que há um espaço para  
o meu nome;  
sei que me hei-de entregar a quanto dizem a Teu respeito  
e que a minha alma passará a ser minha  
e de quem a pesquisar e dormirá tranquila;  
sei que hei-de beijar as mãos aos íntimos dos teus símbolos  
e que os hei-de ouvir como se tivesses bocas terrenas,  
ah sei que hei-de ter preferência por uma ou outra das formas  
que dão a Tua Mãe,  
sei que hei-de olhar enlevado o que não é o Teu retrato,  
principalmente aquele de quando eras menino,  
e que hei-de admitir a Tua presença actual e simultânea do Teu corpo  
em todas as Tuas idades e seus acontecimentos;  
sei que poderei servir a propaganda  
-olhem-no!, como se converteu-  
e sei que o meu orgulho se revoltará  
e tirarei prazer de Ti nessa revolta;  
sei que hei-de distinguir entre Ti e o Teu coração,  
sei que hei-de ser sincero em tudo por não dar por isso,  
e sei que hei-de esperar confiado a hora de ir ter conTigo,  
atribuindo-Te entretanto,

sem querer e sem pensar,  
qualidades mesquinamente humanas e quiméricamente divinas,  
vendo sinais de Ti em todas as coisas até na inércia,  
sinais da Tua justiça no mínimo contratempo,  
sinais dos Teus desígnios na maior catástrofe...

E SEI QUE ENTÃO ME HEI-DE RENEGAR E ESTE POEMA A FRENTE,

que hei-de renegar tudo,  
e por isso Te previno do que sei  
para que toda a gente possa ver que eu sinto o que hás-de ser  
-é que eu conheço-me e adivinho os outros  
ou julgo adivinha-los, tanto faz para o caso.  
Talvez que me eu engane e esteja a sustentar-me de erros,  
mas os meus erros também são eu próprio!,  
e eu sei que hei-de ser eu e Tu  
e os meus erros entre nós dois  
enquanto não fechar os olhos e os não reabrir  
tal como te descrevem e não há que fugir.  
Por tudo, por nada, por mim, que eu abandonarei.  
Por Ti, sim, por Ti!... e tudo é tudo,  
eu Te previno e mais Te digo:  
não irei para Ti..., Perdoa-me!... (Olha, já Te peço perdão!)  
não caminharei para Ti por hábito ou por fé  
nem por tradição,  
nem por interesse,  
mas porque o Outro, cá dentro, abdicará, não tarda...  
e para onde me voltarei eu, eu!..., senão para Ti  
até acreditar em Ti como te fazem?  
É melhor assim - não procurar.  
Tudo está feito, tudo está escrito,  
tudo está murado, e bem, com alicerces nos nossos próprios defeitos  
-é só ouvir,  
é só ler,  
é só pasmar sereno,  
é só ficar.<sup>20</sup>

Depois de um distanciamento irónico, o poeta quer voltar à "sombra da Transcendência" ("Sinto que vou voltar-me para Ti"), entregando-se ao seu poder protector. Porém, esta sua tentativa é de todo inútil. Talvez porque as intenções do poeta não

---

<sup>20</sup> Ibid, págs. 71-73.

sejam bastante sérias. Não é difícil de reconhecer (nos versos décimo quinto e décimo sexto: "e hei-de acreditar nos dogmas / e nessa crença encontrarei a alegria") uma dissimulada ironia seniana - ironia essa que (nos dois versos seguintes) ganha um contorno muito mais claro: "encontrarei uma alegria de *sedução poética*...". A alegria causada pela poesia, segundo a opinião de J. de Sena, está em colisão com a alegria causada pela fé, porque a poesia representa um modo de existência que *a priori* resiste ao dogmatismo, isto é, a uma fé cega, privada da possibilidade de "verificações"... Portanto, o regresso a Deus exige o abandono da poesia - passo que o poeta não ousa fazer: "E SEI QUE ENTÃO ME HEI-DE RENEGAR E ESTE POEMA À FRENTE...", visto que, nesse caso, se privaria da sua própria identidade. Buscando, por isso, uma solução de compromisso, encontra-a no cepticismo e no agnosticismo. Contudo, também esta solução é temporária. O cepticismo, como apoio filosófico do poeta, fazia-o buscar incessantemente a ajuda da fé. Trata-se do conhecido problema de B. Pascal. Passaram mais de três séculos desde que o filósofo de Port-Royal investigou a relação entre o cepticismo e a religiosidade. Essa sua investigação poder-se-ia reduzir à conclusão de que os homens simplesmente não são capazes de perdurar no cepticismo (ou agnosticismo), sendo quase forçados a *crer*: "É uma vez que não podemos justificar as nossas crenças racionalmente, somos obrigados a pôr de lado essa 'perseguição' de conhecimento adquirido através de evidências racionais para aceitar o conhecimento baseado na fé."<sup>21</sup> O círculo de Pascal, em cujo perímetro a crença e a descrença são completamente idênticas, repete-se constantemente dentro dos poemas metafísico-religiosos de Jorge de Sena, o que, de resto, reparámos no poema "Declaração". Os versos "não caminharei para Ti por hábito ou por fé, / nem por tradição, / nem por interesse / mas porque Outro, cá dentro, abdicará, não tarda..." representam a "correção do curso"<sup>22</sup> indicado no verso anterior ("não irei para Ti..., Perdoa-me!... / Olha, já Te peço perdão!"), onde o poeta resignadamente desiste de qualquer "indagação" metafísica, aceitando a fé sem "cláusulas" racionalistas. Mas, uma vez que tal acto significa a privação da possibilidade da sua própria criação,<sup>23</sup> J. de Sena (esse apologista religioso do poema "Declaração") torna-se agnóstico radical no poema que se segue - "Unidade".<sup>24</sup>

O esquema da alternância quase regular de uma absoluta confiança religiosa e uma extrema dúvida teológica pode-se reconstruir, na poesia de J. de Sena, comparando determinados poemas do ciclo metafísico-religioso. Isto é sobretudo evidente na colec-

<sup>21</sup> Torres, Alexandre Pinheiro: *O Código Científico-Cosmogónico-Metafísico de 'Perseguição' de Jorge de Sena*, Moraes Editores, Lisboa, 1980, p. 55.

<sup>22</sup> O sintagma provém do teólogo alemão Hans Küng. (Cf. o seu livro *Existiert Gott?*, Munique, 1978)

<sup>23</sup> A saber, na opinião de J. de Sena, nenhum poeta, como *poeta*, pode ser apologista, nem sequer no domínio religioso.

<sup>24</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, pags. 73-74.

tânea *Perseguição*, onde os referidos poemas surgem um após outro. No poema "Declaração", uma ironia esporádica, presente no tratamento da Transcendência (vista da perspectiva do agnosticismo), mostra obviamente que se trata de uma "paráfrase livre" do conhecido sintagma patrístico *credo quia absurdum*. Deste ponto de vista, o poema seguinte apresenta um reviramento total:

Mesmo, eu nem quero falar-Te,  
nem quero acreditar em Ti...  
...não é seguro acreditar!...  
quero duvidar, duvidar sempre,  
embora cada vez mais convencido dos extremos da dúvida  
e mais repartido entre ambos.

Não é seguro acreditar, não é...  
Se eu me ajoelhasse um dia,  
na certeza de ajoelhar sozinho...  
talvez acreditasse... e nos dois extremos:  
sem distinguir nenhum,  
sem me lembrar que eram opostos.

São principalmente dois versos deste poema ("não é seguro acreditar!... / quero duvidar, duvidar sempre") que contrastam com o "apologismo" do poema anterior. Esses dois versos aparecem, em diversas variantes, em toda a obra poética de J. de Sena, constituindo, dessa forma, um tema-guia da "mística" original seniana, cuja característica mais expressiva é a dúvida. É precisamente através da dúvida que o poeta (contrariamente ao senso comum) entra num íntimo contacto com o seu interlocutor transcendente - Deus: "Meu Deus... Como posso eu falar-Te, / agora que todos tratam de falar conTigo? / Como posso eu deixar que a minha voz se misture, / se confunda, / se associe a outras para formar um coro?"<sup>25</sup> A única maneira de se incluir no "coro" niilista do seu tempo foi a aceitação da sua melodia, mas depois de Friedrich Nietzsche essa melodia tornou-se demasiado trivial. O ateísmo, como uma das formas do teísmo, passou a ser inadequado à poesia chamada moderna.<sup>26</sup> Por isso, J. de Sena, "cada vez mais convencido dos extremos da dúvida e mais repartido entre ambos", opta por um caminho intermédio - o caminho do agnosticismo. A unidade mística com Deus, da qual fala no poema homónimo acima parcialmente citado, realiza-se agora exclusivamente através da dúvida. Ao contrário de alguns dos seus contemporâneos (aliás poetas da assim designada orientação católica), J. de Sena não queria renunciar à herança literária de

<sup>25</sup> O início (primeiros quatro versos) do poema "Andante".

<sup>26</sup> Um dos factores que contribuíram para isso, foi também uma transparente propaganda ateísta de então.

proveniência mística.<sup>27</sup> É por isso que este poeta recorre, muitas vezes, à evocação dos lugares comuns tradicionais a essa herança. Mais do que através do procedimento de paródia, esta evocação realiza-se através de uma nova interpretação metafísico-religiosa do autor o qual é, em grande parte, influenciado pela vida e obra de Nietzsche. As variações acerca do tema da literatura mística europeia caracterizam sobretudo as primeiras colectâneas de J. de Sena. Nesse sentido, poder-se-ia falar de um certo neo-misticismo numa parte da criação poética seniana. Assim, por exemplo, o poema "Purificação da unidade"<sup>28</sup> (que se segue imediatamente aos poemas "Declaração" e "Unidade", fazendo, juntamente com eles, uma espécie de tríptico temático) começa com uma citação da obra *De imitatione Christi*<sup>29</sup> que durante séculos serviu de fonte de inspiração a toda a literatura didáctico-moralista, num diapasão ideológico muito largo - desde o escritor religioso croata Marko Marulić até ao poeta positivista português Antero de Quental.

Não procures o que é efémero...,  
não procures o que é Eterno,  
tu não podes saber, tu não chegas para saber  
o que é ou não é eterno.  
Não procures senão o silêncio fechado,  
recolhido e morno,  
e começarás sentindo uma frescura que desce de cima  
e te há-de começar a encher...

.....  
Tu não podes sentir, não podes ver,  
é longe, é alto, é fora,  
tudo o que ouvires é engano,  
engano dos teus ouvidos materiais,  
odiosos, desprezíveis...  
O banho em que te banhas  
de silêncio recolhido e morno,  
deixa-te cobrir e flutuar,  
os sons ali não se propagam,  
a luz ali não se propaga,  
a carne, lá, não vibra,  
a música que ouves não toca em parte alguma...

.....

---

<sup>27</sup> Sobretudo se essa herança tem as suas raízes na Península Ibérica. De resto, J. de Sena reconhece a grande influência exercida sobre ele por São João da Cruz.

<sup>28</sup> Da colectânea *Perseguição*, in: Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, págs. 74-76.

<sup>29</sup> Atribuída a Tomás de Kémpis.

J. de Sena serve-se do conselho de Tomás de Kémpis - "Não procures o que é efêmero..." - apenas para desenvolver a sua própria "catequese" agnóstica. Neste procedimento, o poeta ("imune" ao problema da existência de Deus<sup>30</sup>) utiliza muitas vezes um léxico místico, o qual se reduz frequentemente a noções tais como: "silêncio", "banho", "sons", "luz", "carne", "música", etc. Diferentemente da obra mística de Mestre Eckhart ou São João da Cruz, nos "poemas místicos" escritos por J. de Sena não existe comunicação entre o autor (ou, mais exactamente, o sujeito lírico) e Deus. Toda a comunicação com a Transcendência reduz-se a algumas questões retóricas esporádicas. É por isso que no ciclo metafísico-religioso de J. de Sena não há pontos de interrogação. Entre os sinais de pontuação, são os pontos finais e os pontos de exclamação que predominam nos versos do ciclo mencionado, como o nota Alexandre Torres Pinheiro: "Quem queira decodificar este poema<sup>31</sup> do ponto de vista metafísico, ou metafísico-religioso, terá talvez de concluir que a longa estrutura sintagmática de entoação explicitamente declarativa e muitas vezes exclamativa mas nunca interrogativa, que fundamentalmente é a sua *fala*, postula a asserção de que se Deus existe - e sabemos que para fins metafísicos no melhor sentido da palavra é indiferente que exista ou não - a comunicação com 'ele' (Sena não maiúscula) não existe."<sup>32</sup> Porém, não se pode dizer que o poeta não quer comunicar com Deus, antes pelo contrário: "Apreensivamente, um dia, / ultrapassarás Tu, meu Deus, a primeira vidraça / e dar-Te-ei a minha mão para desceres do espaço."<sup>33</sup> Mas, se esta comunicação se realizasse, Sena degradar-se-ia a si próprio como poeta das "angústias metafísicas", perdendo o motivo principal para escrever a sua poesia. É esta a razão pela qual ele tão depressa anseia pela Transcendência como foge dela:

Meu Deus! És tão atento que te ultrapassei;  
quis dizer do Teu abandono e não tive coragem.<sup>34</sup>

É precisamente da grande frustração provocada por uma desorientação agnóstica, que provêm os versos de um dos mais belos sonetos senianos - "Transepto".<sup>35</sup>

<sup>30</sup>No que é semelhante aos seus precursores - poetas de orientação metafísico-religiosa: A. de Quental, A. M. de Guerra Junqueiro, A. D. de Gomes Leal, T. de Pascoaes, F. A. N. Pessoa, J. Régio e outros.

<sup>31</sup>Pensa-se no poema supracitado, "Purificação da unidade".

<sup>32</sup>Torres, Alexandre Pinheiro: *O Código Científico-Cosmogónico-Metafísico de 'Perseguição'* de Jorge de Sena, Moraes Editores, Lisboa, 1980, p. 36.

<sup>33</sup>A segunda estrofe do poema "Pentecostes", da colectânea *Perseguição*, in Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 78.

<sup>34</sup>A última estrofe do poema "Elevação", da colectânea *Perseguição*, in: op. cit., p. 7.

<sup>35</sup>Ibid, p. 77.

Voltei lugubrememente pela nave.  
Deus estava aceso a cada canto.  
Havia cheiro a túmulo e, enquanto  
a ele se ia somando um fresco suave...:

As pedras roxas... e, ao meio, a trave  
onde balouça levemente um santo  
sem feições e sem braços - só um manto  
esculpido no olhar que se lhe crave.

Depois um silvo... e cada vez mais forte  
e cheiro antigo e tenro a tanta morte!  
(O santo alastra dúvida esgotada!)

E o fio do juízo amortecendo, tenso...  
O céu de pedra anoiteceu imenso.  
Então?... Deus apagou-se... não é nada.

A semelhança deste soneto com os sonetos dos poetas portugueses do chamado Primeiro Modernismo<sup>36</sup> fá-lo um pouco arcaico do ponto de vista estilístico, aproximando-o da atmosfera lírica dos sonetos de Antero de Quental. Todo o soneto é construído como se tivesse por base o velho contraste maniqueísta entre a luz e as trevas. De início, é a Luz que domina o transepto da igreja ("Deus estava aceso a cada canto"). Porém, essa Luz apaga-se no fim do soneto ("Então?... Deus apagou-se... não é nada."). O escatológico que encontramos no soneto ("havia cheiro a túmulo", "as pedras roxas", "o cheiro antigo e tenro a tanta morte!") não nos permite saber de que se trata da morte de Deus. A imagem do segundo verso da primeira estrofe é demasiado "ambígua" para nos incitar a tal conclusão. Contudo: "O Grande Deus está morto!".<sup>37</sup> Porém, diferentemente do acto de satisfação de Nietzsche aquando deste trágico acontecimento histórico ("Requiem aeternam Deo!"), Jorge de Sena satisfaz-se apenas com um comentário cínico: "não é nada". Uma resposta mais cínica do que esta não se pode imaginar. A *advertência* anterior (do poema homónimo "Advertência"<sup>38</sup>) neste soneto, apresenta-se-nos como um "estratagema" pelo qual Senta tentou iludir o seu maior concorrente - Deus, sacrificando-O a Ele, em vez do poema. Mas, ao sacrificar, assim, o seu mudo interlocutor transcendente, o poeta, ao mesmo tempo, sacrificou-se também a si próprio, privando-se do acesso ao domínio metafísico-religioso. Porém, esta situação durou apenas quinze meses.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> Antero de Quental e Mário de Sá-Carneiro, por exemplo.

<sup>37</sup> A famosa exclamação de F. Nietzsche, do ano de 1882.

<sup>38</sup> Cf. o poema anteriormente citado, sob o título "Advertência".

<sup>39</sup> O poema "Transepto" foi escrito a 16 de Setembro de 1939, e o poema seguinte, "Pentecostes", a 22 de Fevereiro de 1941.

Quem sabe? - por memória anterior -  
guardarei fechada a mão que Te ajudar,  
Mas estaremos os dois nesse poema,  
os dois num poema sem lágrimas.<sup>40</sup>

Não podendo mais suportar as consequências da sua isolação arbitrária da Transcendência,<sup>41</sup> J. de Sena regressa a Deus no poema "Pentecostes".<sup>42</sup> Mas, agora é ele - o poeta - que "dá uma mão" ao Criador do mundo, forçando-O, por este reviramento, a aceitar uma espécie de vassalagem. O próprio Deus, que se dignou criar *ex nihil*, deve agora permitir ser salvo da morte pelo *poeta*. Note-se, porém, que o poeta "salva" Deus não por causa dEle, mas por causa de si próprio!

#### ETERNIDADE

Vens a mim  
pequeno como um deus,  
frágil como a terra, morto como o amor,  
falso como a luz,  
e eu recebo-te  
para a invenção da minha grandeza,  
para rodeio da minha esperança  
e pálpebras de astros nus.

Nasceste agora mesmo. Vem comigo.<sup>43</sup>

"No es el yo fundamental... sino el tú esencial.". Este "tú essencial" omnipresente na poesia de J. de Sena, no último poema da primeira colectânea reflecte indubitavelmente os versos do heterónimo pessoano Alberto Caeiro:

E depois, cansado de dizer mal de Deus  
O Menino Jesus adormece nos meus braços  
E eu levo-o ao colo para casa.<sup>44</sup>

---

<sup>40</sup> A última estrofe do poema "Pentecostes", da colectânea *Perseguição*, in: Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 78.

<sup>41</sup> No poema "Transepto", in: op. cit., págs. 77-78.

<sup>42</sup> Que, por isso, é uma continuação directa dos poemas "teológicos" anteriores.

<sup>43</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 79.

<sup>44</sup> Pessoa, Fernando: *Poemas de Alberto Caeiro*, Edição Ática, Lisboa, 1984, p. 34.

É verdade que o "Menino Jesus" de Alberto Caeiro, no poema de J. de Sena, se torna um deus semipagão,<sup>45</sup> mas o seu papel corresponde de todo àquele que tinha no poema de Pessoa (Caeiro): comunicar com a Transcendência através do *arcadismo*,<sup>46</sup> ou através da relação irônica para com a "intangibilidade" empírica dessa mesma Transcendência. Assim como nos versos de Alberto Caeiro, a *eternidade* de que fala o poema seniano atinge-se não no quadro da compreensão cristã do tempo (na qual é tratado como uma continuidade teleológica orientada para o futuro), mas sim dentro de um *hic et nunc* poético (e não histórico!) que é, por isso mesmo, eterno: "Nasceste agora mesmo. Vem comigo."<sup>47</sup> O próprio Deus deve aceitar tal compreensão do tempo. Se quiser ser eterno, deve-se adaptar às mudanças: Daí, Ele ser: "*Frágil* como a terra, / *morto* como o amor, / *falso* como a luz". Como "Deus revelatus" (e não "Deus absconditus"), Ele está "dissimulado" com uma vaga eternidade à qual se opõe o poeta com o auxílio do "arcadismo" pessoano.

#### ODE APÓCRIFA DE ALBERTO CAEIRO

Não quero este menino que desce do céu para os meus braços  
e que ri da minha desconfiança de eu poder com ele;  
eu sei que posso, mas não quero este menino,  
nem outros meninos, nem o mundo  
como quando o mesmo menino, já grande  
e sentado num trono, tem na sua mão.

Não quero nos meus braços coisa alguma.  
Neste grito recurvo de embalar o nada,  
a minha vida encontra-se e descansa.

Inclino a cabeça e penso que viver  
podia ter-me sido um menino nos braços

<sup>45</sup> "Deus" escrito com letra pequena.

<sup>46</sup> O termo "arcadismo" subentende a utilização de maneiras estilísticas da poesia arcádica.

<sup>47</sup> Eis o que sobre essa compreensão de tempo diz José Augusto França, no estudo "Jorge de Sena, poeta temporal", in: *Quaderni portoghesi*, Giardini editori e stampatori, Pisa, 1983, p. 49: "Mas o tempo também é encarado num sentido histórico - e a consciência da circunstância tem inexorável importância na poesia de Jorge de Sena. Ela irrompe com uma violência de imagens, com um rancor único na nossa poesia onde tais coisas, ou deram uma retórica junqueira ou dão um sentimentalismo já encartado... Admitindo (escreve Jorge de Sena em *Caderno de Poesia*, 6) o poeta como 'ser capaz de ter todo o passado íntegro no presente e capaz de transformar o presente integralmente em futuro', aqui o tempo circunstancial é realmente um tempo: não é encarado sozinho, não enferma de um voluntarismo místico - este tempo é ainda, sempre, o tempo em causa, na verídica unidade desta obra poética."

e crescendo, e escapando aos braços,  
fugindo para o mundo acaso fosse um homem,  
ou para o Universo acaso fosse um Deus.

E tu, menino do céu, tão tarde vens!  
Mas teimas, sabes que um carinho  
se escondeu cá dentro e não tem nome ou obra  
e teimas - e eis-te nos meus braços.

Ó meu menino querido, agora que pensei,  
aperto-te com força e não te deixo crescer.<sup>48</sup>

O acesso arcádico à Transcendência realiza-se por meio dos versos de Alberto Caeiro, o que é de resto visível logo no próprio título. A criança evocada no poema anterior - "Eternidade", pôs em questão o agnosticismo "inabálavel" do poeta. É daí que provém a sua própria mudança relativamente a esse ser idílico - anunciador da : "Não quero este menino que desce do céu para os meus braços". J. de Sena está profundamente consciente do facto de que a ingenuidade de um "guardador de rebanhos" na comunicação com a Transcendência não é compatível com o cepticismo do poeta. É por isso que a ode apócrifa do "mestre" Caeiro se relaciona com o modelo imitado de uma maneira obviamente irónica. Essa ironia é tão intensa que o poeta rejeita não só a teologicamente comprometida supra-realidade ("mas não quero este menino, / nem outros meninos, nem o mundo / como quando o mesmo menino, já grande / e sentado num trono, tem na mão."), como também a ontologicamente comprometida realidade ("Não quero nos meus braços coisa alguma."), oferecendo a verdade (?) do niilismo como a solução mais favorável ("Neste grito recurvo de embalar *o nada*, / a minha vida encontra-se e descansa."). No entanto, como era de esperar (tendo em vista o procedimento poético até agora aplicado por J. de Sena ), imediatamente após ele se ter encontrado com o niilismo, assiste-se de novo ao seu regresso à fé ou seja; à sua confiança na supra-realidade. Essa mudança ocorre na terceira estrofe ("Inclino a cabeça e penso que viver podia ter-me sido um menino nos braços..."). O menino divino regressa ao poeta, não lhe permitindo este que ele se torne adulto de forma a não dominar o sistema totalitário (Ó meu menino, agora que pensei, / aperto-te com força e não te deixo crescer."). Porém, esse regresso do menino divino não ocorreu a tempo ("E tu, menino do céu, tão tarde vens!"). Ao poeta resta-lhe apenas duvidar e esperar alternadamente; portanto - ser agnóstico.<sup>49</sup> O agnosticismo não caracteriza apenas

---

<sup>48</sup> Sena, Jorge de: *Quarenta Anos de Servidão*, Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1982, p. 37.

<sup>49</sup> O agnosticismo de J. de Sena não foi sempre de igual intensidade. A crise da fé seniana (isto é, da confiança do poeta na Transcendência) foi-se aprofundando pouco a pouco. É o que também se pode concluir da cronologia dos poemas que acabamos de analisar.

aquela parte do ciclo metafísico-religioso da colectânea *Perseguição* cujo motivo central é Deus. De vez em quando, ele aparece igualmente nos poemas dedicados à MORTE. Porém, esses poemas constituem antes uma excepção do que uma regra. Citaremos apenas um exemplo:

### DÍSTICO

O viver que grita muito não diz nada.  
A morte ao dizer tudo é bem calada.<sup>50</sup>

Este dístico, escrito em 1938,<sup>51</sup> poderia ser proclamado como manifesto poético de um *agnóstico* inspirado pelo enigma da morte, isto na condição de não ser considerado o contexto escatológico dentro do qual aparece o referido dístico:

Morrer para mim  
não será deixar de ver,  
nem de ouvir, nem de sentir qualquer coisa,  
porque os meus outros sentidos  
também descansam do cansaço  
de não terem encontrado  
o cansaço procurado...<sup>52</sup>

É precisamente graças a este contexto que a *morte* (assim como Deus nos poemas anteriores) não é mais uma categoria *agnóstica* absoluta. O carácter agnóstico tem-nos apenas a *forma* da Transcendência e não a Transcendência em si mesma. A vida continua até para além da morte. A crença do poeta na possibilidade de sobreviver à realidade física reflecte-se na influência de São Agostinho, mais exactamente, na aspiração deste à Transcendência a fim de poder satisfazer todos os seus desejos não realizados. Mas, nos poemas senianos inspirados pelo fenómeno misterioso da morte, esta Transcendência (coisa curiosa!) nunca se identifica com Deus. Para o poeta, a existência de Deus é muito questionável, sujeita ao cepticismo e ao agnosticismo, o mesmo não se podendo dizer da vida após a morte:

---

<sup>50</sup> Sena, Jorge de: *Quarenta Anos de Servidão*, Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1982, p. 20.

<sup>51</sup> Mais exactamente, a 8 de Julho desse ano, portanto quando J. de Sena tinha apenas dezanove anos.

<sup>52</sup> A terceira estrofe do poema "Morte" escrito cerca de dois meses após o dístico supracitado (14-9-38), in: Sena, Jorge de: *Quarenta Anos de Servidão*, Círculo de Poesia, Moraes Editores, Lisboa, 1982, págs. 21-22.

Sempre que alguém morreu à minha beira,  
me convenci que a morte é consentida.  
Se não vivi comigo a vida inteira,  
*morrer é só reconquistar a vida.*<sup>53</sup>

Só a crença na "vida depois da vida" dá um certo "carácter optimista" à colectânea *Perseguição*. Mas, este clarão de optimismo desaparece em breve, perdendo-se numa decepção total com a vida, onde a dignidade do homem está tão arruinada que não pode ser recuperada nem pela estoicidade mais "vital" (Desçamo-nos da morte ao vão progresso / em busca da violência consentida. / Não é morrer a força que vos peço, / quando vos peço um real desdém da vida..."<sup>54</sup>). Por isso, a primeira colectânea de J. de Sena deixa ao leitor uma impressão extremamente pessimista.<sup>55</sup> Por mais que se esforce, o sujeito lírico da colectânea *Perseguição* não consegue libertar-se das "grilhetas do Fado" que o domina incessantemente, impedindo a concretização dos seus intentos: "O destino valia-se dos meus lábios / e eu vendi os meus lábios a mim próprio."<sup>56</sup>

Além de Deus e da morte, um dos motivos dominantes nos versos inspirados pela Transcendência é o motivo do fado. É esse o motivo que surge (com certeza, não por acaso!) logo no primeiro poema da terceira parte da colectânea<sup>57</sup> - "Mistério da Predestinação".

Entornando a vida sobre a morte inicial,  
dados rubros para a solda no eterno abraço,  
um cortejo de pombas não partia  
qual obra alheia, ao encontro do céu.<sup>58</sup>

Servindo-se da técnica surrealista<sup>59</sup> para produzir uma "estranheza" poética, J. de Sena reflecte sobre o destino, isto é, sobre a sua variante mais radical - a *predestinação*, utilizando de novo o léxico da experiência mística - léxico esse que contrasta com o tema pela sua vivacidade. Este procedimento não é raro dentro da poesia metafísico-religiosa de J. de Sena. A tarefa principal do poeta é exercer influência sobre o (sub)consciente dos leitores para que estes, nos seus versos, "reconheçam" a continuidade do

<sup>53</sup> A primeira estrofe do poema "Para eu murmurar à hora da morte", in: op. cit., p. 36.

<sup>54</sup> Os primeiros quatro versos do poema "Manifesto", da colectânea *Perseguição*, in: Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 51.

<sup>55</sup> Mesmo se tivermos em consideração apenas os poemas pertencentes ao chamado ciclo metafísico-religioso (que ocupa quase três quartos do espaço de toda a colectânea).

<sup>56</sup> A primeira estrofe do poema "Parcela", da colectânea *Perseguição*, in: op. cit., p. 46.

<sup>57</sup> Trata-se da parte cujo motivo central é precisamente a Transcendência.

<sup>58</sup> *Ibid*, p. 69.

<sup>59</sup> Aliás muito frequente nesta colectânea de prosa, em todas as suas três partes.

misticismo imanente a uma certa tendência da poesia europeia, cujo ponto de partida é a compreensão da Transcendência no pensamento hebraico-grego. Visto que (segundo esse pensamento) o mundo é dominado pela determinação absoluta de proveniência estática, temos mais um motivo para sermos pessimistas. É o que testemunham os versos da colectânea *Perseguição*, os quais representam apenas uma introdução ao drama posterior do homem em busca da sua própria dignidade. Um homem cujas tentativas para ser mais humano são frustradas pela discreta presença (mas, apesar disso, bem eficaz) do FADO dominando o mundo. É precisamente esse mundo escravizado, vigiado atentamente pela Transcendência, o tema principal da segunda colectânea de J. de Sena - *Coroa da Terra*.

### **COROA DA TERRA (1941-1944)**

"Em 1946, *Coroa da Terra*, sem abandonar - e mesmo até refinando - técnicas surrealistas que aliás nunca abandonei até hoje, reflectia a angústia dos anos de guerra, a que correspondia, e as preocupações socio-políticas que eram, então como hoje, as minhas. Esse livro, que seria senão um livro neorealista? Reflectindo o que reflectia, era, par lá do surrealismo, a busca de uma expressão intrinsecamente dialéctica ou em dialéctico fluxo, nos termos marxistas da minha formação filosófica. E creio que há nele - como em todos os meus livros, de resto - alguns dos mais directos e sentidos poemas de protesto político desse tempo e depois."<sup>60</sup>

Assim, o próprio autor comenta o seu segundo livro de poemas, destacando as suas características surrealistas. Ao contrário da colectânea anterior, a novidade essencial deste livro não consiste na organização surrealista de imagens poéticas,<sup>61</sup> mas sim nos temas e motivos neo-realistas retirados da vida quotidiana. O poeta aborda esta "crítica da vida quotidiana"<sup>62</sup> de uma forma dialéctica, registando contrariedades aparentemente invisíveis, que depois eleva a um nível mais alto - ao nível da *docta ignorantia*.<sup>63</sup> Mas, ainda que se esforce, não consegue achar a solução desta *coincidentia oppositorum*.<sup>64</sup> Isto talvez porque nesse caso ele poria em causa o motivo principal da sua criação poética. Por isso, analisando poeticamente a realidade na qual é forçado a viver,<sup>65</sup> J. de Sena evita quaisquer respostas apodícticas que pudessem desestabilizar o seu equilíbrio céptico entre dois extremos. O agnosticismo continua a ser a base "crítica", destinada à investigação da verdade inatingível, mas para a qual cada homem

<sup>60</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 16.

<sup>61</sup> Visto que tal organização também está presente na primeira colectânea do poeta - *Perseguição*.

<sup>62</sup> O título da conhecida obra do filósofo marxista francês, Henry Lefebvre.

<sup>63</sup> *Docta ignorantia* é o sintagma que provém do famoso filósofo renascentista, cardeal Nicolau de Cusa.

<sup>64</sup> O outro sintagma de Cusa, muito frequentemente utilizado por J. de Sena.

<sup>65</sup> Trata-se do tempo de guerra marcado por grandes represálias salazaristas.

deve tender. Esta tendência para a veracidade é muitas vezes ameaçada por vários prejuízos e ídolos que devem ser rejeitados:

Recuso-me a aceitar o que me derem.  
Recuso-me às verdades acabadas;  
recuso-me, também, às que tiverem  
pousadas no sem-fim as sete espadas.<sup>66</sup>

Só então, depois de se ter tornado independente de quaisquer influências externas, o poeta pode entregar-se à sua missão. No caso de J. de Sena esta missão reduz-se à investigação da verdade com o fim de recuperar a dignidade perdida do homem - dignidade essa que produz a COROA DA TERRA. Neste livro, essa dignidade é elaborada poeticamente, na maioria, precisamente dentro do ciclo metafísico-religioso. Uma especificidade caracteriza a segunda colectânea de J. de Sena. Se consultarmos o seu índice, notamos que grande parte dos poemas têm os títulos inspirados no domínio da religião: "Purgatório", "Suma teológica", "Baptismo", "Lamentação", "Exorcismo", "Crisma", "Catecismo", "Génesis", "Éxodo", "Natal-43", "Gloria", etc. Contudo, se lermos os versos de cada um dos referidos poemas, concluiremos que, por baixo da maioria dos seus títulos, se "esconde" um conteúdo totalmente "profano".<sup>67</sup> Os exemplos contrários são algo mais raros: "O amor não amado", "De onde não há nada...", "Estalactite", etc. Servindo-se de tal procedimento, o poeta consegue, antes de mais, obter um efeito de surpresa. Habitado ao facto do título de uma obra "resumir" o seu conteúdo, o leitor que se preparou para a percepção do tema (ou motivo) sugerido pelo título, fica agora, como que "chocado", ao ver as suas expectativas serem frustradas. Para ilustrarmos este frequente procedimento poético de Sena, citaremos o segundo poema da colectânea *Coroa da Terra*:

### SUMA TEOLÓGICA

Não vim de longe, meu amor, nem sossobraram  
navios no alto mar, quando nasci.ž

Nada mudou. Continuaram as guerras;  
continuou a subir o preço do pão  
continuaram os poetas, uma vez por outra,  
a perguntar por ti.

<sup>66</sup> A primeira estrofe do poema "Independência", da colectânea *Coroa da Terra*, in: Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 114.

<sup>67</sup> É o que acontece nos poemas "Purgatório", "Baptismo", "Crisma", etc.

É certo que, então imensa gente  
envelheceu instantânea e misteriosamente.

Mas até isso, meu amor, se não sabe ainda  
se foi por minha causa,  
se por causa de outros que terão nascido  
ao mesmo tempo que eu.<sup>68</sup>

Segundo o *Dicionário de Filosofia*,<sup>69</sup> *SUMA* (em latim: "summa") é o nome de uma forma escolástica do sistema que apresenta a totalidade do saber. Os sumistas eram aqueles escritores medievais que se serviam da forma sistemática da *suma*, como, por exemplo, São Tomás de Aquino. Seria de esperar, portanto, que um poema com um título meio patético e erudito - "Suma Teológica" - fosse "elaborado" teologicamente, com alusões às volumosas enciclopédias medievais e ao estilo dedutivo escolástico. Igualmente, não seria estranho (tendo em consideração o "sistema" poético seniano) se o autor se relacionasse com o assunto em jeito de paródia. Mas nada disso. O poeta não corresponde à nossa expectativa. Encoberto pelo título da monumental obra do maior filósofo da Idade Média, o dominicano Tomás de Aquino, J. de Sena, "faz variações" neo-realistas acerca dos aspectos banais da vida quotidiana. Se a isto acrescentarmos a atmosfera surrealista que caracteriza a lírica seniana, a "estranheza" do poema torna-se tão evidente que até um leitor medíocre (não muito inclinado para um esforço intelectual) deve reparar na mensagem "provocante" do poeta.

Ainda que comprometida pela vulgar crítica literária de orientação positivista, a noção da *mensagem* não é nada impertinente neste contexto, tanto mais que ela é essencialmente imanente ao neo-realismo - corrente poética que deixou o mais profundo vestígio precisamente na colectânea *Coroa da Terra*. Para que a mensagem (de carácter neo-realista) tenha um efeito mais eficaz, J. de Sena serve-se frequentemente do contraste que acabámos de descrever. O neo-realismo sempre se serviu de certos elementos melodramáticos para poder influenciar os sentimentos do público. A categoria do *melodramático* está, em regra, ligada a uma arte de uma dubitável qualidade estética. Por isso, esta categoria é mais tolerada do que apreciada pelos artistas. A maioria deles procuram dissimulá-la por todos os meios disponíveis. Esse procedimento é particularmente óbvio nos versos dos poetas que favorecem o "culto" do racionalismo e o distanciamento crítico em relação à realidade, querendo, simultaneamente, que essa realidade seja alterada por meio dos sentimentos dos leitores. Por isso, muitas vezes, eles buscam uma solução de compromisso. Quanto a J. de Sena, ele serve-se do contraste anteriormente mencionado, que demonstraremos com o auxílio do poema "Natal-43":

---

<sup>68</sup> Sena, Jorge de: *Poesia-I*, Edições 70, Lisboa, 1988, p. 83.

<sup>69</sup> Cf. *Filozofijski rječnik*, NZMH, Zagreb, 1984, p. 320.